

Fé: neurastenia ou realidade? | Bárbara Braga Penido Lima

Tentei explicar o que era fé para mim mesma, imersa em meu submundo cognitivo. Um mundo que se encontra sob as camadas de ideologias sobre espiritualidade, teologia, credices, esoterismo. Um mundo por trás dos modismos religiosos e espiritualistas da atualidade. Ao repensar as práticas de fé do indivíduo, percebi um cenário vasto, amalgamado e fundamentado em idiosincrasias. Essas práticas deveriam ser respaldadas por um lugar de fé. Porém, ao derredor, observando o mundo humano, entendo que o lugar de fé é que deriva da forma como se pratica uma ideia de religião, misticismo, espiritualidade e etc. O lugar de fé é um não-lugar. É um estado d'alma. Explicar a fé pressupõe um esforço imaginativo gigantesco, posto que compreende perscrutar pelos itinerários da credice humana, tentando entender um pouco daquilo que nos comove a alma. A ideia de fé me trouxe verdadeiro desassossego na cabeça, uma comichão no pensamento, muitas inquietações noturnas. Obviamente, tais reflexões emergiram em minha mente em momentos de solidão. Aquele tipo de solidão que deixa uma sensação de vazio existencial, de refletir sobre o significado de tudo e do nada, de criar mais perguntas que respostas.

Solidão e fé, caminham juntas, por vezes. Talvez, por pensar que absolutamente só, a prece seja mais sincera e mais real. Por outro lado, seja porque a solidão total seja o único estado em que conseguimos ouvir nossos próprios pensamentos. Eu estava perdida no labirinto criado pelos meus pensamentos. Revivia memórias com intuito de descobrir que tipo de fé era a minha, uma fé desconfiada em acreditar em Deus, na bondade humana, num mundo melhor? Ou seria uma fé confiante em desacreditar na forma como delimitaram Deus, como definiram a bondade humana e como redesenharam o horizonte de um mundo melhor? É o tipo de situação que nos faz questionar a sanidade. Por que implicar logo com a fé? É uma sentença positiva na vida de todo homem, que já a traz em sua consciência. Já nascemos em posse dela. Mas, eu duvido. Não acho possível acatar com submissão uma ideia simples de algo tão complexo.

Sem perceber, construía teorias sobre a fé. E todas as teses resultavam numa dialética de ideias febris. Embora um ou outro axioma surgisse, nenhuma lógica racional servia de argumento explicativo. Não encontrei métodos para entender a fé, meus aportes teóricos prescindiam do que eu sentia. O desejo de apreender a fé e traduzir seu sentido em palavras reinava em meu interior. Meditar sobre a fé resultava em meditações sobre

mim. Com palavras eu perseguia a explicação daquilo que seria perfeito no sentir e no conhecer. Mas, como afirmar que todo conhecimento é perfeito? O ser humano é um quebra-cabeças de imperfeição. Claro estava a ousadia da minha empreitada de querer descrever a comunhão com essa perfeição. Estaria eu em pleno juízo? Não. Como abrigar no arco das palavras algo do inconsciente, quase inatingível nessa plaga?

Eu me agitava em meio a tantas ideias. Pensei na fé como inerente a prece, presente na solidão da prece e no amor que bendiz a prece. Seria possível uma resposta elaborada para isso? Senti um cansaço enorme, daqueles que nos fazem dormir em minutos. Mais forte se tornava o torpor no corpo e o fechar de pálpebras. Será que dormi e sonhei? Pois me vi em outro cenário. Era estranho e, ao mesmo tempo, familiar. Havia um velho, carcomido pelo tempo, de mãos limpas e dedos pequenos, riso pequeno, sentado na minha frente. Na frente do velho sentava-se a minha versão infantil, não a pessoa de trinta anos. Eu era aquela criança assustada com esse mundo (quando o mundo não é de assustar?) perante a velho de camisa de flanela, uma calça de brim desbotada, que estava ali sentado no chão. Desde quando velhos se sentam ao chão? E o velho, sorridente, a julgar meus olhos de tristeza que muito diziam para uma boca muda, afagou minha cabeça. Sua expressão ficou séria, como se alguém pudesse ler toda a dor do outro, sentir, entender. Ele conseguia saber tudo sobre mim e tudo sobre tudo, mas não era Deus. Com certeza não era a onisciência, a onipresença e a onipotência ali na minha frente. Mas, era alguém que diante da minha imagem infantil, afugentava o medo. Talvez poderia afugentar também um pouco das dúvidas. Começamos a conversar, mas não me recordo de ouvir o som das palavras.

Aquele senhor estava ali em minha frente? Não sei. Talvez seja apenas uma condição pseudoneurasténica para eu conseguir, ou tentar, dar um sentido lógico para a ideia de fé. Talvez o doido não se acerque de sua loucura, neste caso eu. Porém, não estou aqui para questionar minha sanidade. Nos dias de hoje, quem tem sã consciência para se dizer pleno de todas as suas faculdades mentais? Em algum dia, as pessoas já o tiveram? Platão estava certo sobre a história da caverna, mas se esqueceu de contar para o resto do mundo como a humanidade se libertaria daquela prisão. Porque não é suficiente o dilema entre a guerra travada entre a sociedade que ficou e o sujeito que saiu da caverna. Também não é um final resolutivo dizer que o homem que saiu da caverna foi morto por aqueles que tinham medo de ir embora ou deixar mais alguém sair. O homem só

progrediu porque era curioso, e um pouco preguiçoso. Logo as ideias estavam fora de lugar. O mundo, o meu mundo, estava fora de lugar.

E quando o indefensável passa a ser defendido, quando o conhecimento como condição do progresso humano no campo da ética e da moral é desprezado, é hora de ter fé. Se os impropérios que regem a atual vida humana estão em voga, então surge a fé como um sentimento de ordenação das causas do mundo ou de ordenação para as causas do mundo. Todos sabem de quais impropérios subscrevo, basta refletir ao seu redor. O mundo que se aproveita da controvérsia das palavras e distorce caráteres é uma produção infinita de impropérios. Um mundo de duplos sentidos que a retórico nos produz n'alma, em que há possibilidades para ações sem remorsos nem consciência. Nesse momento, a fé se torna algo mais difícil ainda de encontrar, pensar e sentir. Está longe do óbvio que alguns doutos fazem parecer. Está longe do que possa ser descrito ou simplesmente compreendido.

Fico meditando sobre esses fatos. O velho senhor está ali ainda, sentado, observando, quase sorrindo. Eu estou aqui, sentada, com minha figura de criança porque não faço ideia do que estou fazendo. E, para minha versão adulta, é justamente como as crianças se comportam algumas vezes, daí sua inocência, sua espontaneidade, sua graça. E nessa situação esquisita eu pergunto ao velho: “Como posso ter calma? Eu devia perguntar sobre a fé, mas ao pensar no meu mundo, eu questionei sobre a calma e a paciência... me parecia mais lógico. Se é preciso perseverar para ter fé, é preciso se acalmar. E como ter calma nesse mundo?”

O velho continua sentado. Não revela nenhum tipo de inquietação. Ao contrário, ri da pergunta. Responde a pergunta com outra: “É possível viver nesse mundo sem ter um pouco de calma? É possível querer estar nesse mundo sem ter um pouco de fé no futuro? A desordem posta exige uma bússola orientadora, mas é a fé. É essa bússola interior que te alimenta aí dentro e cria o desejo da vida pela vida. A capacidade de perceber coisas boas num cenário hostil, perturbado, amedrontador ou tudo isso junto, é a capacidade de ter fé. Ainda que não se perceba, ela está ali, diminuta, não dá para ver, tocar, e, às vezes, sentir. O desejo em prosseguir lutando pela vida é um desejo de fé. O problema é onde cada um deposita a sua... Este é outro problema, outra situação. Fé todo mundo tem. Só não sabe o que faz com ela...” Eu, por minha vez, não aceitava essa resposta com uma lógica simplista.

Nos jargões de tantas religiões espalhadas por esse mundo de Deus(es), fé se conquista. Um discurso que me deixa contrariada, porque a fé somente é uma vitória após uma longa trajetória de sofrimento até que o cerne humano esteja reduzido a sua própria miséria. Seguindo esse raciocínio, a fé é exterior ao homem. E se ele acredita nisso, é um iludido com vistas a se tornar um fanático. Muitos ostentam suas trajetórias de calvário para se vangloriar de autos de fé escritos em púlpitos de dor. A tragédia toda desse tipo de ideia é a venda dessa propaganda e quantidade de gente que compra esse “testemunho”. Num mundo em que tudo se tornou histeria, a fé virou uma de suas vedetes. Pensei nisso tudo para responder apenas: “Não pode ser assim.” O problema é que o velho era mais coerente que meus pensamentos. A explicação dele tinha sentido. Não tinha sentido para mim, porque eu queria algo que se encaixasse no meu mundo. E quem não quer uma explicação mágica?

Ele completou seu raciocínio: “Fé não nasce da dor. Fé não é enfeite que se herde. É um feito, nosso, interior. Você pode até dizer que pertence a uma igreja, como eu pertencço a outra. Mas, a maneira como eu sinto minha fé, é única e minha. Minha igreja não me ensinou a sentir fé como a sua também não a colocou como parte de um projeto educacional. A educação pela fé se restringe ao ensino de valores e não alcança o sentimento de fé. Um sentimento maior que o homem, mas que está na sua natureza, no seu mais íntimo. Está ali, escondida. Está ali para ser descoberta depois de inúmeras tentativas, falhas em sua maior parte. Os fracassos no meio do caminho são como um pedágio, o seu quinhão a pagar... e, apesar da cobrança vir disfarçada de desespero e desamparo, paga-se o que deve e tenta seguir adiante. É uma autoestrada. Mas percorremos nossos próprios labirintos, interrogando os nossos vazios. E é neste momento que atingimos a compreensão do sofrimento humano.” O velho, sabia o que estava dizendo? Eu não conseguia saber.

“É longo um mistério a definição da fé. Ela não pode ser gestada no sofrimento senão tudo que engendramos em nós, não passa de uma bonita ilusão para pessoas pedantes. Fé requer força, menina! Compreender a vida, em todos os seus estágios, de alegria ou de dor, é o que nos fortifica na fé. Se o sofrimento deixou de ser um mistério, ele deixa de ter poder sobre nós. A clausura perde sua mágica fechadura. Mas, para alcançar essa liberdade é preciso saber ouvir do próprio silêncio. É no silêncio das nossas tempestividades, de nossas considerações, que podemos tentar contato com nossa consciência. E da intimidade dessa relação, do “conhece-te a ti mesmo”, que a fé nasce

ou renasce (se formos negligentes). A fé é um mistério e carrega em si algo de maravilhoso, mas intraduzível”. Disse isso e se calou.

E o velhinho me diz algo, em tom de confiança. De soslaio, escuto algo sobre o amor e a humildade. Não compreendo. Mas, ele acena e afirma: “ambos representam sinais de força da fé, ambos são ideias que não se explicam, mas são exemplificadas. O homem toma o melhor exemplo do que poderia ser o amor e a humildade para idealizar. Quando ele apreende os seus sentidos e se torna um ser do mundo, que ama ao mundo, compreende os mistérios da fé. Mistérios que não preciso comentar”. A fórmula era simples: amar o mundo. Para amar ao mundo, esse mundo tão atribulado por egoísmos, violento com todos nós, soberbo em distinguir pessoas, é preciso ter fé. Apenas a fé nos redime com o outro; demovendo nosso orgulho e egoísmo destemperados. A fé é a única combatente dessas feras sentimentais, que nos devoram por inteiro enquanto nosso desejo é devorar o outro. Ela tem muito do amor e da humildade.

Nesse momento, fiquei quieta, só escutando o que ele me dizia. Agora falava sobre Deus e a fé: “Deus(es) tem fé, porque acredita em nós, mesmo quando a criação é decepcionante. Do que adianta o eterno criar, se a criação em nada acabar? Compartilhamos algo do divino. Somos uma extensão dele, minúscula. Ínfima. Espalhados por tantos cantos, tantos lares, tantas paisagens. Porém, isso não basta para o homem. Ele insiste em ver o seu Deus conforme o seu desejo. E seu desejo está longe do simples conceito de amar ao próximo. Deus seria esse amor. Não o amor dos beatos. Não o amor dos santos. Digo o amor do homem que vê no seu semelhante sua própria dor e, por isso, toma o desconhecido como seu irmão. O mundo transforma-se no processo, o mundo daquele homem. A fé nos impele a uma força transformadora, não para chegarmos ao paraíso...” falei ao velhinho que isto era impossível. Ele concordou. E sem titubear me disse: “a chave da fé está no esquecimento. Esquece a causa da dor, a dor, as coisas desimportantes do mundo. Nada é permanente, exceto você”. Eu não disse mais nada, fiquei ali muda e sentada. O velho sumiu da minha frente. Bobagem. Refleti sobre o que houve e penso que tive uma alucinação. E qual o problema, se eu nem sei se existo de verdade? E quem é que vive de verdade, vive uma vida plena e cheia de significados importantes?